



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**THAÍS GADELHA DE ABRANTES**

**A RETEXTUALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO  
COM LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA DO 9º ANO**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2022**

**THAÍS GADELHA DE ABRANTES**

**A RETEXTUALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO  
COM LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA DO 9º ANO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hérica Paiva Pereira**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2022**

A161r Abrantes, Thaís Gadelha de.

A retextualização como estratégia didática para o trabalho com leitura e escrita em sala de aula do 9º ano / Thaís Gadelha de Abrantes. - Cajazeiras, 2022.

39f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.

1. Retextualização. 2. Texto. 3. Gêneros textuais orais. 4. Gêneros textuais escritos. 5. Ensino. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.2

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

**THAÍS GADELHA DE ABRANTES**

**A RETEXTUALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO  
COM LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA DO 9º ANO**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.**

**Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva  
Pereira**

**Aprovado em: 04/04/2022**

**BANCA EXAMINADORA:**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hérica Paiva Pereira  
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)**



---

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)**



---

**Prof. Me. Wellington Gomes de Souza  
(SEDUC - CE - Examinador 2)**

Ao meu esposo Rodrigo Leandro.

À minha mãe Francisca Gadelha.

Ao meu pai, Francisco Chaga.

Aos meus irmãos Thiago e Thialison.

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por conceder sempre muitas bênçãos em minha vida, e por fortalecer a cada dia minha fé e esperança, para que nunca faltasse força, determinação e coragem para vencer os obstáculos diários.

Ao meu esposo Rodrigo Leandro dos Santos, pelo apoio, em que esteve sempre ao meu lado incentivando e encorajando nos momentos difíceis.

Aos meus pais Francisco Chagas Andrade Abrantes e Francisca Gadelha de Abrantes, que são os meus alicerces, pelo carinho, por oferecerem uma educação de qualidade, e pelos ensinamentos, contribuindo para que eu me tornasse uma mulher corajosa, persistente e sonhadora.

Aos meus irmãos Thiago e Thialison, pelo carinho, atenção e apoio.

Aos colegas do curso, pela troca de conhecimentos e por auxiliar nos momentos necessários, em especial às minhas amigas, Maria Josenilza e Viviane Ferreira, em que construímos os laços de companheirismo desde o início da graduação.

Em especial à professora Dra. Hérica Paiva Pereira, pela disposição em me orientar, por prestar com clareza e segurança os caminhos necessários a serem guiados durante a pesquisa, pela paciência, empenho e dedicação.

Aos professores da banca, Esp. Abdoral Inácio da Silva, Me. Wellington Gomes de Souza e Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, por aceitarem o convite para prestigiar o meu trabalho e pelas sugestões e colaborações.

Aos professores do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras, por todas as contribuições necessárias para a minha formação.

À professora Dra. Erlane Aguiar por toda dedicação e disponibilidade durante a execução deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores dos níveis fundamental e médio, pelo incentivo e pelos ensinamentos, que foram importantes para minha formação pessoal e profissional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade em participar do Programa Residência Pedagógica, contribuindo de forma significativa para a minha carreira profissional.

Enfim, a todos que, de forma direta e indireta, contribuíram para a minha formação, o meu muito obrigado.

*“[...] são os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação.”*

(MARCUSCHI, 2010, p. 9)

## RESUMO

O processo de retextualização é uma prática essencial para o ensino de Língua Portuguesa a partir de textos orais e escritos. Esse ocorre a partir de um texto base, que por sua vez será transformado em um outro texto, seja ele na modalidade oral ou escrita. Nessa perspectiva, o trabalho com os gêneros textuais é imprescindível nesse processo, dado que através dele o aluno pode ampliar seus conhecimentos de forma significativa, principalmente, no que diz respeito às suas habilidades sociocomunicativas de ação da linguagem e, portanto, nas tarefas de leitura, interpretação e construção de textos. O objetivo deste trabalho é mostrar que o processo de retextualização, da oralidade para a escrita, é uma prática pedagógica inovadora e atrativa para os alunos, portanto, fundamental para o desenvolvimento das habilidades e competências leitoras e escritoras dos alunos. Para isso, a pesquisa fundamenta-se nos aportes teóricos dos autores: Costa Val (2006) e Antunes (2010); Marcuschi (2010); Costa (2010), e Sá (2005) e Candido (2003). No que se refere à metodologia essa é uma pesquisa bibliográfica, exploratória, de cunho qualitativa e de natureza aplicada. Como resultado, essa apresenta uma proposta de intervenção, por meio da retextualização da oralidade para a escrita, a ser apresentada a professores do 9º ano do ensino fundamental II, a fim de contribuir nas suas práticas educacionais com o trabalho através do texto.

**Palavras-chave:** Texto. Processo de retextualização. Gêneros textuais orais e escritos. Ensino.

## ABSTRACT

The retextualization process is an essential practice for teaching Portuguese from oral and written texts. It occurs from a base text, which in turn will be transformed into another text, whether oral or written. From this perspective, working with textual genres is essential in this process, since through it students can significantly expand their knowledge, especially regarding their socio-communicative skills of language action and, therefore, in reading tasks, interpretation and construction of texts. The objective of this research is to show that the process of retextualization from orality to writing is an innovative and attractive pedagogical practice for students, therefore, it is fundamental for the development of students' reading and writing skills and competences. Thus, the research is based on the theoretical contributions of the following authors: Costa Val (2006) and Antunes (2010); Marcuschi (2010); Costa (2010), and Sá (2005) and Candido (2003). Regarding the methodology, this is a bibliographical, exploratory, qualitative and applied research. As a result, it presents an intervention proposal, through the retextualization of orality to writing to be presented to teachers of the 9th year of Elementary school II in order to contribute to their educational practices with the work through the text.

**Keywords:** Text. Retextualization process. Oral and written textual genres. Teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|            |  |    |
|------------|--|----|
| Diagrama 1 | - Fluxo das ações.....   | 21 |
| Diagrama 2 | - Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral<br>para o escrito..... | 22 |
| Quadro 1   | - Possibilidades de retextualização.....   | 19 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CFP - Centro de Formação de Professores
- LP - Língua Portuguesa
- PB - Paraíba
- PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>2 A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO PARA A<br/>CONSTRUÇÃO DE NOVOS TEXTOS ORAIS E ESCRITOS .....</b>                                    | <b>14</b> |
| 2.1 CONCEITO DE TEXTO E TEXTUALIDADE .....  | 14        |
| 2.2 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DA ORALIDADE PARA A ESCRITA<br>NA PERSPECTIVA DE MARCUSCHI.....   | 18        |
| <b>3 OS GÊNEROS TEXTUAIS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM</b>  | <b>25</b> |
| 3.1 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS.....  | 25        |
| 3.2 GÊNERO TEXTUAL: CANÇÃO .....  | 26        |
| 3.3 GÊNERO TEXTUAL: CRÔNICA .....   | 28        |
| <b>4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ORAL<br/>CANÇÃO PARA O GÊNERO ESCRITO CRÔNICA - 9º ANO DO ENSINO<br/>FUNDAMENTAL II .....</b> | <b>30</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>38</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>39</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa (LP) a partir dos gêneros textuais, sejam eles orais ou escrito, tem sido eficaz para o trabalho com a oralidade e a escrita e, conseqüentemente, para o desempenho de práticas da linguagem. Nesse contexto, o trabalho com os gêneros, presentes em diferentes em diferentes esferas sociais e em todo ato de comunicação, deve ser desenvolvido em sala de aula, ao desenvolver atividades sociais do cotidiano do aluno, propiciando assim uma ampliação de suas habilidades linguísticas.

Nesse viés, o que se observa é que muitos alunos ainda chegam ao ensino médio com dificuldades de ler e escrever adequadamente, não conseguindo absorver/compreender as informações expressas no texto. Quanto à escrita também possuem dificuldades na construção textual em organizar a temática para que essa seja coerente e coesa, de modo que o leitor consiga captar as informações explícitas e implícitas no texto. Desse modo, pensando no desempenho dos discentes nas práticas de leitura e escrita e numa forma de ensino que envolva as atividades da linguagem, o dia a dia deles, o trabalho com retextualização será uma estratégia didática que pode contribuir muito para o desenvolvimento dos alunos nas atividades destacadas.

Assim, uma perspectiva de ensino a partir do processo de retextualização abrangerá em sala de aula diversos gêneros orais e escritos, envolverá as rotinas sociais dos alunos, assim como permitirá que eles reconheçam/conheçam diversos gêneros que circulam nas diferentes esferas das atividades humanas, para que saibam utilizá-los adequadamente nas situações sociais de comunicação. Portanto, a retextualização proporciona ao discente uma prática com a funcionalidade da língua.

Logo, surge o questionamento: qual a importância de trabalhar os gêneros textuais a partir do processo de retextualização nas atividades de leitura e escrita no ensino de LP diante das dificuldades que os alunos apresentam ao desenvolver essas duas modalidades?

O processo de retextualização, de acordo com Marcuschi (2010), consiste na transformação de um texto de uma modalidade a outra, que pode ocorrer de quatro modos distintos: da fala para fala, da escrita para a escrita, da fala para escrita ou da escrita para fala, e em gêneros textuais diferentes. Dessa forma, acredita-se que esse processo, por permitir trabalhar com diferentes gêneros, que por sua vez abrangem atividades de leitura, compreensão e produção textual, pode oferecer uma grande contribuição na diminuição das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Por conseguinte, este trabalho se justifica por contribuir para a prática metodológica e para o aperfeiçoamento da docência de professores de LP do 9º ano, ao possibilitar a execução

de aulas participativas e lúdicas que envolvem o contexto social dos alunos e, portanto, significativas para eles. Nesse viés, a retextualização é um grande aliado para o desenvolvimento de práticas de ensino de línguas a partir de textos, fazendo com que os alunos tenham excelentes desempenhos nas práticas de leitura e escrita diante do uso efetivo da linguagem.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é mostrar que o processo de retextualização, da oralidade para a escrita, é uma prática pedagógica inovadora e atrativa para os alunos, portanto, fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades e competências leitoras e escritoras. Para isso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: defender a importância de trabalhar com textos nas práticas de leitura e escrita; descrever o processo de retextualização, da oralidade para a escrita, como prática pedagógica para instrumentalizar o ensino de LP por meio de textos; destacar as contribuições dos gêneros textuais como ferramenta de ensino para ampliar as competências de compreensão e produção textual e apresentar uma proposta de intervenção para professores do 9º ano por meio da retextualização, da oralidade (gênero textual: canção) para a escrita (gênero textual: crônica).

Esta pesquisa fundamenta-se nos aportes teóricos dos autores: Costa Val (2006) e Antunes (2010) com as contribuições sobre texto e textualidade; Marcuschi (2010) como base para descrever sobre o processo de retextualização e a importância dos gêneros textuais; Costa (2010) para discorrer sobre o gênero textual canção e Sá (2005) e Candido (2003) no que se refere ao gênero textual crônica.

Quanto à metodologia, esta pesquisa é bibliográfica, pois foram utilizados materiais já publicados como livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações, *etc.* (PRODANOV; FREITAS, 2013), para a obtenção dos dados necessários para a concretização da pesquisa.

Também se classifica como uma abordagem de cunho qualitativa, em que busca aprofundar o conhecimento sobre o processo de retextualização como estratégia didática para trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula. Além disso, é definida como uma pesquisa exploratória, na qual objetiva investigar e compreender os dados observados. Conforme Prodanov; Freitas (2013, p. 51-52) este tipo de pesquisa acontece “quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento [...]”. Neste ângulo, quanto à sua natureza é qualificada como pesquisa aplicada, pois, “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

O trabalho apresenta uma proposta de intervenção pedagógica direcionada a professores de LP para ser aplicada em turmas do 9º ano do ensino fundamental II. Então, essa proposta é constituída de uma sequência de atividades sobre o processo de retextualização, da oralidade para a escrita: do gênero canção para o gênero crônica, em que visa levar para sala de aula uma perspectiva de ensino inovadora, que é, a partir do processo de retextualização, centralizar o ensino de línguas, na qual, envolve atividades focadas em textos e, portanto, com gêneros da oralidade e da escrita.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, corresponde à introdução, em que apresenta os elementos constitutivos da pesquisa; o segundo capítulo, está direcionado à discussão conceitual sobre texto e textualidade e sobre o processo de retextualização, destacando-o como ferramenta didática para o ensino de línguas a partir dos gêneros textuais, tendo como foco o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura e escrita.

O terceiro capítulo, está dedicado a uma abordagem sobre os gêneros textuais orais e escritos, destacando a sua importância no ensino de LP. Neste encontra-se também a explicação dos gêneros textuais canção e crônica, que por sua vez serão trabalhados na proposta de intervenção pedagógica. Por fim, o quarto capítulo consiste numa sequência de atividades sobre o processo de retextualização, do gênero canção para o gênero crônica, a ser apresentada a professores de turmas do 9º ano do nível fundamental II.

## 2 A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

Este capítulo apresenta uma discussão sobre a importância de trabalhar com textos, com o intuito de ampliar as habilidades de leitura e escrita e descrever o processo de retextualização, da oralidade para a escrita, como prática pedagógica no ensino de LP. Para isso, parte de uma breve apresentação sobre a Linguística Textual, de acordo com Koch (2018), seguido da discussão sobre texto e textualidade segundo Costa Val (2006) e Antunes (2010) e, por fim, uma abordagem sobre o processo de retextualização na perspectiva de Marcuschi (2010).

### 2.1 CONCEITO DE TEXTO E TEXTUALIDADE

A Linguística Textual, segundo Koch (2018), é a ciência que toma como base o texto e surgiu por volta da década de 1960 na Europa. Essa ciência é o resultado de várias investigações de estudiosos, que com o tempo foi se evoluindo com base em diferentes concepções textuais como: “texto como frase complexa [...]; [...] como ato de fala complexo [...]; [...] como meio específico de realização da comunicação verbal [...]; [...] como *lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos [...]” *etc.* (KOCH, 2018, p.12, grifo da autora). Como pode observar a ciência do texto passou por inúmeras transformações até ser considerado como objeto de ensino.

Inicialmente, as pesquisas da Linguística Textual eram focadas no estudo de partes do sistema gramatical da língua a partir da análise de frases, em que se observava o estudo dos mecanismos que as relacionavam. Com o decorrer do tempo, as pesquisas se expandiram, e com isso ultrapassaram os limites da frase, começando a interessar-se pela unidade básica de sentido. Sendo assim, o texto passou a ser visto como a forma que os seres humanos possuem para comunicar-se.

De modo geral, a Linguística Textual tem como enfoque o estudo do texto oral e escrito por se tratar de unidades comunicativas, nas quais, são concretizadas as ações humanas. Em vista disso, esta ciência contribuiu significativamente no ensino de línguas, em que considerava o texto como objeto de ensino. Com o percurso das pesquisas linguísticas surgiram discussões quanto à definição de textos passando a surgir vários conceitos.

Um desses conceitos é a perspectiva de Costa Val (2006), ao defender que o texto é uma atividade linguística falada ou escrita e provido de funções comunicativas. Diante disso, toda

expressão verbal, ocorrida em situações sociocomunicativas, são textos, pois as pessoas não se expressam através de palavras isoladas e sem sentido, nem de frases desconexas.

Dessa forma, em todas as atividades sociocomunicativas do dia a dia recorre-se ao texto, pois, durante o processo de interação verbal, os interlocutores estão inseridos em um ambiente sociocultural e, além disso, apresentam suas intenções, o que pretendem ou querem expressar e para atingir/cumprir seus objetivos utilizam essa ferramenta.

Nesse aspecto, o texto é produzido a partir da interação entre os parceiros ao fazer uso da linguagem em determinado ambiente social em que realizam a atividade comunicativa. Com isso, no processo de comunicação, uma expressão, dita por um dos interlocutores, pode ser compreendida ou não, isso vai depender da cultura do interlocutor, do local onde ocorre a comunicação, e da situação comunicativa em que esses se encontrem.

Nesse viés, Costa Val (2006, p. 3-4) explica três características importantes para produção e recepção de textos:

[...] texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Tem papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua.

A segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma unidade semântica. Uma ocorrência lingüística para ser texto, precisa ser percebida pelo receptor como um todo significativo.

Finalmente, o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes lingüísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.

Portanto, para que um texto seja produzido e/ou compreendido de modo eficaz e que seja aceito como tal é necessário envolver os três aspectos supracitados, que são: os aspectos pragmáticos, semânticos e formais. Desse modo, os aspectos pragmáticos, dizem respeito ao uso da linguagem durante a atuação comunicativa, em que envolverão algumas propriedades como: o ambiente onde os interlocutores estão inseridos, os conhecimentos partilhados, os propósitos dos interlocutores, *etc.*, em que são necessárias para que os participantes possam construir sentidos e julgar como necessários ou não durante a prática da linguagem.

Quanto aos aspectos semânticos, o texto precisa ter sentido e ser um todo coerente, por isso um amontoado de palavras ou frases desconexas não correspondem a um texto. Nesse sentido, o texto é constituído também de aspectos formais como: palavras e frases que devem estar em harmonia na superfície textual para que seja um todo significativo.

De acordo com Beaugrande; Dressler (1983 *apud* COSTA VAL, 2006), há vários fatores que compõem um texto, como é o caso de: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

No que se refere à coerência, essa constitui na produção de sentido do texto em que envolve aspectos lógicos, semânticos e cognitivos, pois a construção de sentidos ocorre mediante a interação entre os interlocutores. Em vista disso, de acordo com Costa Val (2006), a coerência não está por si só no texto, mas ela é construída entre os interlocutores, em que acontece a mobilização dos seus conhecimentos, na qual ocorrerá a cooperação entre eles em busca da compreensão textual. Portanto, o sentido do texto não é produzido apenas por quem escreve ou por quem fala, mas quem lê ou quem ouve também realizará a tarefa de produção de sentidos, pois, buscará identificar os efeitos de sentidos no que está expresso no texto.

Já a coesão envolve os aspectos gramaticais e lexicais, isto é, engloba sua unidade formal, em que consiste na maneira como o conteúdo e os conceitos estão agregados na superfície textual. Dessa forma, os períodos, os parágrafos, ou seja, todos os elementos do texto devem estar interligados para que haja sentido. Em vista disso, a coesão e a coerência são fundamentais, pois a superfície textual é o que irá dar margens para sugestões e inferências textuais para que possa compreender o texto, construir seus sentidos e identificar as intenções comunicativas, ou seja, dará continuidade aos sentidos do texto.

Em se tratando da intencionalidade, essa considera as intenções comunicativas do interlocutor, pois, durante esse ato o produtor irá se dedicar para que possa alcançar os objetivos que tem em mente e para isso ele precisa produzir seu discurso de modo satisfatório, coerente e coeso. Quanto à aceitabilidade, também esse fator precisa considerar a coesão e a coerência, de forma que, quem vai ter acesso ao texto possa além de compreendê-lo, aceitar e colaborar com as intenções do produtor.

Outros fatores relevantes na construção e recepção do texto são: a situacionalidade e a informatividade. A primeira consiste na “adequação do texto à situação sociocomunicativa” (COSTA VAL, 2006, p. 12), pois durante o ato comunicativo as pessoas estão inseridas num determinado contexto social, dessa forma, há a necessidade de adequação do texto no contexto onde os participantes da interação sociocomunicativa estão situados, para que se efetive a comunicação de modo eficaz. Dessa forma, estando atendo a isso fará a produção do texto coerentemente e o interlocutor (recedor do texto) irá abstrair a informação de modo satisfatório.

Contudo, a compreensão textual dependerá do grau de informatividade do texto, sendo esse outro critério de textualidade. Assim, a informatividade está preocupada com as

informações ali presentes, isso porque, dependendo do grau de informatividade o leitor será capaz de compreender os sentidos contidos no texto, pois o produtor tem que ser claro nas informações para que quem for ler possa conseguir compreender de acordo com as suas intenções, ou seja, com os sentidos que foram ali produzidos. Em vista disso, é importante considerar não apenas as informações, mas também o grau de imprevisibilidade, de novidade do texto em que oferece ao leitor novos conhecimentos, logo, possibilita partilhar conhecimento do autor com o leitor do texto.

Por fim, a intertextualidade é a inserção de um texto já pronto em outro texto em circulação, ou seja, é quando “[...] fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s)” (COSTA VAL, 2006, p. 15). Sendo assim, entende-se que esse processo é muito recorrente, pois os discursos são construídos a partir de informações já existentes, através de um pensamento, de uma referência, *etc.*

Portanto, para que o texto seja produzido de forma coesa e coerente e que aquele que recebe o texto consiga produzir os sentidos necessários para sua compreensão e seu reconhecimento tem que considerar os aspectos pragmáticos, que correspondem à intencionalidade, à aceitabilidade, à situacionalidade, à informatividade e à intertextualidade, os aspectos semânticos, que condiz à coerência e aos aspectos formais, que corresponde à coesão, logo, os critérios de textualidade.

Na perspectiva de Antunes (2010), o texto é caracterizado como uma atividade sociocomunicativa, pois, toda situação de linguagem é concretizada por meio de textos e está situada em um contexto social onde acontece a interação entre os parceiros da comunicação. Durante esse ato de interação, em que as pessoas se expressam, seja pela fala ou pela escrita, é constituído sempre de uma função comunicativa, tendo em vista que quando alguém recorre ao texto há uma intenção, um objetivo a ser cumprido.

Assim, toda interação verbal, ocorrida em atividades sociais de comunicação, é sempre concretizada através de textos orais ou escritos que estão relacionadas com o uso da linguagem seja verbal, não-verbal ou verbal-não-verbal. Dessa forma, o processo de compreensão e produção textual não se limita apenas aos aspectos linguísticos, mas também envolve os aspectos sociais e cognitivos, pois nas atividades sociocomunicativas deve considerar o ambiente social onde os interlocutores estão inseridos, os objetivos pretendidos, *etc.*, e os seus conhecimentos prévios.

Nesse viés, o texto irá sempre envolver um interlocutor, que será o parceiro (ouvinte ou leitor) da comunicação, pois toda expressão verbal é construída em conjunto, ou seja, é produzida em parceria, de modo que o produtor supõe ser pertinente, relevante ou de interesse

daquele que irá ler ou ouvir. Dessa forma, todo texto é construído para alguém, pois, ao produzi-lo pensamos sempre no público leitor que irá interessar e/ou ter acesso ao texto.

Diante desse aspecto, Antunes (2010, p. 32, grifo da autora) ressalta que “o texto é caracterizado por uma *orientação temática*; quer dizer, *o texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central*, ou de um *núcleo semântico*, que lhe dá continuidade e unidade”. Nessa perspectiva, todo texto é produzido a partir de um determinado assunto. Assim, em meio a uma dada situação social de comunicação deve-se levar em consideração a temática, a sua unidade de sentido para que seja considerado e/ou caracterizado como texto, pois conjuntos de palavras ou frases isoladas, desconexas do seu contexto de produção, que não apresentam sentidos, não são textos.

Em vista disso, considerar no texto apenas os aspectos gramaticais, como o uso de palavras, frases, enunciados como mera análise linguística sem considerar a unidade de sentido do texto deixará de lado outros aspectos que são importantes para o funcionamento da linguagem. Esses aspectos são: o tema, a intenção comunicativa, o contexto sociocultural e outros fatores relevantes para a comunicação e para compreensão e construção de possíveis sentidos do texto, para isso é necessário que esses aspectos estejam em harmonia. Assim, a autora afirma também que “o fato de apenas nos fixarmos em questões de gramática, sobretudo naquelas ligadas à norma-padrão, nos fez deixar de ver muitos outros componentes também fundamentais para a comunicação relevante e adequada socialmente” (ANTUNES, 2010, p. 38).

Diante desse aspecto, é relevante ressaltar a importância de um ensino de línguas centralizado no texto, para que o professor possa envolver, em sala de aula, o uso efetivo da linguagem, para que possa abranger as funcionalidades comunicativas, no que diz respeito ao uso da linguagem nos diferentes ambientes sociais, possibilitando assim uma participação efetiva do indivíduo na sociedade, ou seja, e na sua formação como cidadão.

## 2.2 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DA ORALIDADE PARA A ESCRITA NA PERSPECTIVA DE MARCUSCHI

O processo de retextualização, de acordo com Marcuschi (2010), é uma atividade recorrente, bastante usual no dia a dia das pessoas dado que está presente nas práticas de linguagem, cada vez que um interlocutor utiliza o discurso de outros. Dessa forma, o processo de retextualização não se limita apenas ao âmbito escolar e acadêmico, pois é um fato presente

na comunicação linguística, com operações complexas, sem que o usuário da língua perceba essa complexidade.

Assim, a retextualização é um processo que ocorre na passagem do texto de uma modalidade a outra, intervindo no código e na significação que envolve aspectos da relação oralidade-escrita. Nesse contexto, esse processo requer muita atenção na execução dessa atividade, pois não se trata da passagem de um texto mal produzido para outro bem estruturado, mas, sim “*é a passagem de uma ordem para outra ordem*” (MARCUSCHI, 2010, p.47, grifo do autor).

Nesse viés, a fala e a escrita são atividades sociocomunicativas em que uma não é mais importante que a outra, pois ambas estão em função da língua. Dessa maneira, Marcuschi (2010, p. 17) ressalta que “a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados”. Com isso, durante o processo de transformação de texto, é possível que os usuários façam uma observação da distinção entre essas modalidades, por apresentarem características próprias, em que as pessoas fazem o uso da fala e da escrita nas práticas da língua.

Nessa perspectiva, para qualquer atividade de retextualização, seja de uma mesma modalidade ou de modalidades distintas, é necessário a execução de uma atividade cognitiva, que é a compreensão do texto base, para que não ocorra conflitos em relação à coerência durante o processo de retextualização. Isso porque, a atividade de transformação de textos não interfere na sua abordagem temática, apenas se trata da passagem de textos, sejam eles orais ou escritos, portanto, a compreensão do texto base é essencial para que não haja divergências do assunto.

Para o estudioso, há quatro possibilidades de retextualização, no entanto, este trabalho focaliza o estudo da fala para a escrita. Observe abaixo o quadro 1:

**Quadro 1** - Possibilidades de retextualização

|                   |   |                                 |   |                      |
|-------------------|---|---------------------------------|---|----------------------|
| 1. <i>Fala</i>    | → | <i>Escrita</i> (entrevista oral | → | entrevista impressa) |
| 2. <i>Fala</i>    | → | <i>Fala</i> (conferência        | → | tradução simultânea) |
| 3. <i>Escrita</i> | → | <i>Fala</i> (texto escrito      | → | exposição oral)      |
| 4. <i>Escrita</i> | → | <i>Escrita</i> (texto escrito   | → | resumo escrito)      |

Fonte: Marcuschi (2010, p. 48).

Acima, observa-se que além de ser possível a retextualização de modalidades diferentes: da fala para a escrita e da escrita para a fala, também é possível transformar textos com a mesma modalidade, porém, com variados gêneros textuais, estilo, propósito, etc., por exemplo: uma conferência para tradução simultânea, uma notícia impressa para um jornal na TV ou rádio, entre outros.

Destarte, a retextualização é um processo rotineiro bastante presente nas práticas sociais e que acontece de forma diversificada, pois, a todo momento, em que as pessoas fazem uso de um texto, reformula-o, reescreve-o e o transforma. Como exemplo: uma pessoa que conta a outra uma série que assistiu ou relata uma notícia que ouviu no jornal na TV ou rádio; uma secretária que redige uma carta de acordo com informações ditas pelo chefe, entre outras ações usuais na sociedade (MARCUSCHI, 2010).

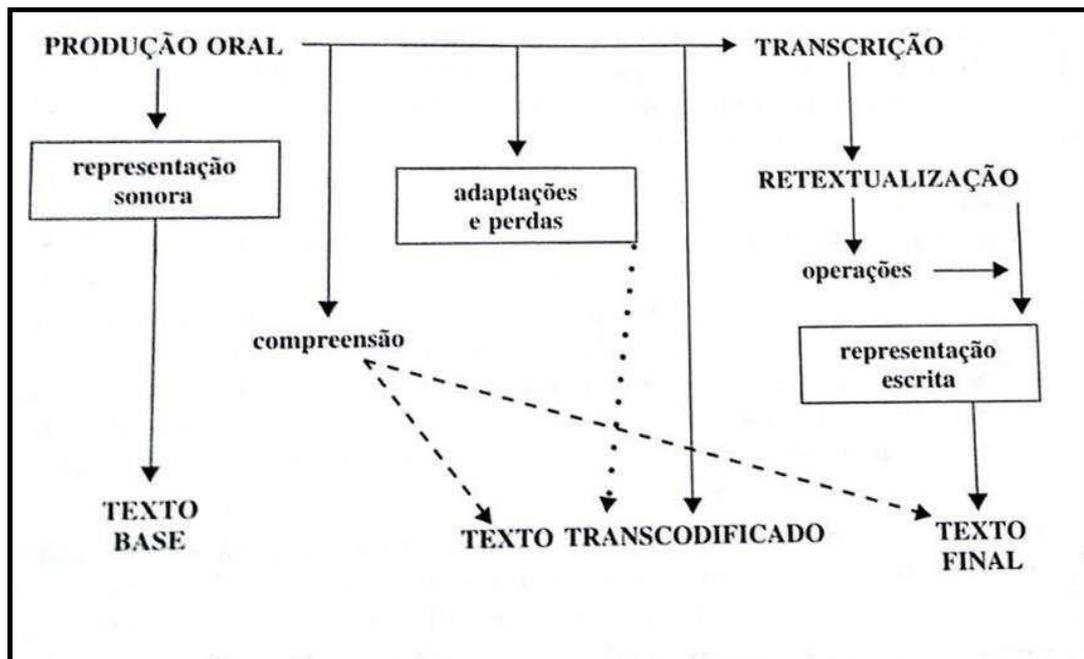
Diante desse aspecto, em se tratando das atividades de retextualização é evidente frisar a distinção entre a transcrição e a retextualização, pois se tratam de atividades diferentes. De acordo com Marcuschi (2010, p. 49):

Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho, há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem.

A transcrição nesse caso, corresponde a passagem de “um código para outro” (MARCUSCHI, 2010, p. 51), ou seja, é a representação gráfica do som, sem realizar alteração referente à abordagem temática e à linguagem, tendo em vista que se trata apenas da transcrição do oral para o escrito. Assim, é importante ressaltar novamente que o processo de retextualização não trata o texto escrito de forma superior ao texto oral, dado que a fala envolve aspectos extralinguísticos, ou seja, os gestos, as expressões faciais, a entonação da fala, etc., já a escrita, neutraliza esses aspectos presentes na modalidade oral, porque está mais preocupada com a padronização da língua. Apesar de existir uma diferença entre esses dois processos, a transcrição é a primeira operação da atividade de retextualização. Primeiramente, ocorre a transcrição da fala para a escrita em que pode ocorrer adaptações e perdas, como: repetições, hesitações, entonação, gestos, etc., diferentemente da escrita em que é possível desconsiderar esses fatores.

Para tanto, o processo de retextualização é uma atividade complexa, na qual envolve os aspectos linguísticos-textuais-discursivos que correspondem às operações de idealização, reformulação - adaptação e os aspectos cognitivos que se referem à compreensão textual. Diante desses aspectos, envolvidos no processo de retextualização, observe abaixo um diagrama com fluxo das ações criado por Marcuschi (2010) que esquematiza melhor esses aspectos.

**Diagrama 1 - Fluxo das ações**

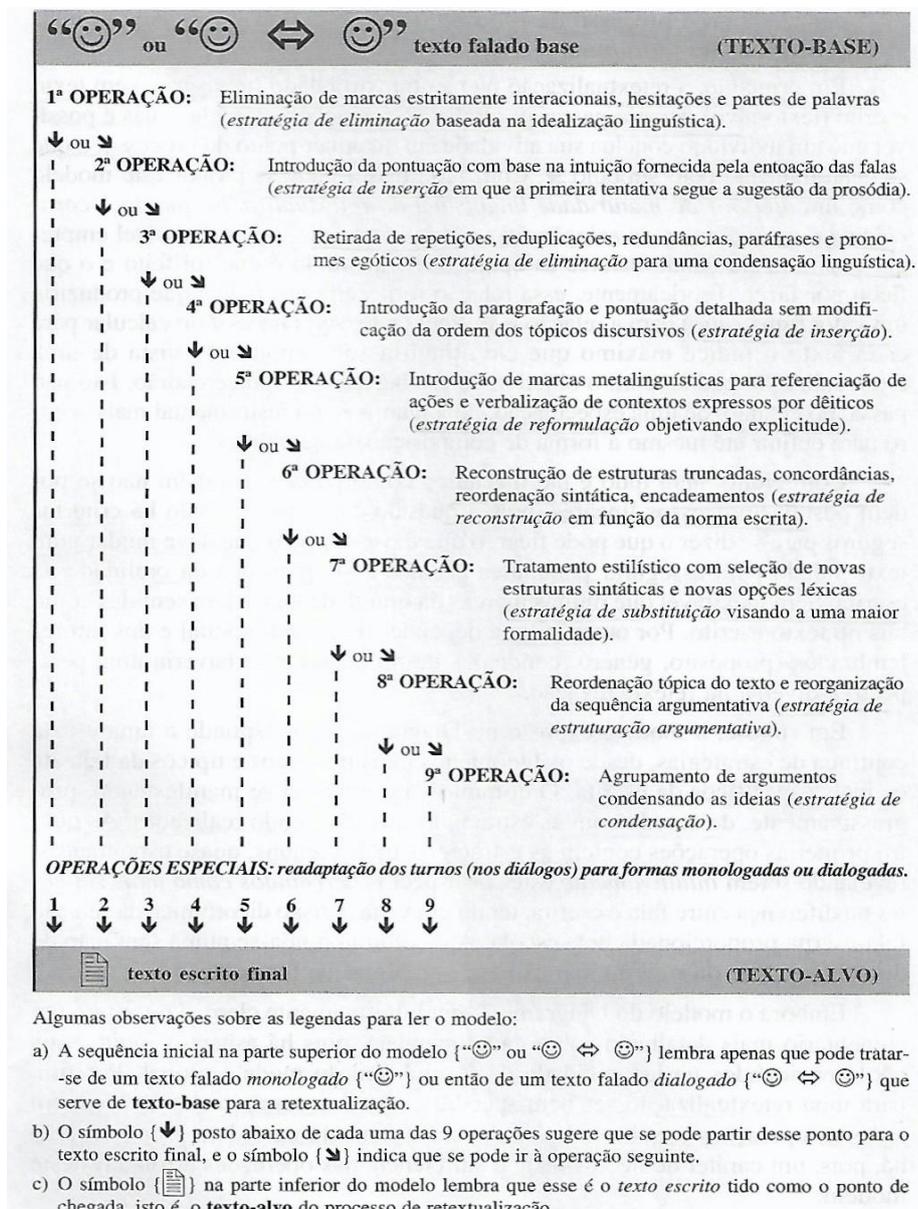


Fonte: Marcuschi (2010, p. 72).

Esse diagrama, apresenta as ações realizadas no processo de retextualização, que vão do texto base (modalidade oral) até a produção final (modalidade escrita). Dessa forma, observa-se que a primeira ação realizada é a compreensão do texto base e todas as ações estão diretamente ligadas a ela. Após isso, acontece a primeira transformação, que é a transcrição, denominada texto transcodificado, na qual ocorre a passagem do texto oral para o escrito, realizando a representação gráfica, em que pode acontecer perdas e adaptações de modo que não interfiram diretamente na produção. Em seguida, ocorre a retextualização, em que acontece operações mais complexas, como: as atividades de idealização e reformulações, até chegar ao texto final, que é a última versão, ou seja, é o texto retextualizado.

Assim, para melhor entender esse processo, Marcuschi (2010) apresenta um modelo das operações na passagem do texto oral para o escrito. Veja abaixo o diagrama.

**Diagrama 2 - Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito**



Fonte: Marcuschi (2010, p. 75).

Este modelo apresenta nove operações que estão agrupadas em dois conjuntos: as regras de regularização e idealização, que correspondem às primeiras ações ocorridas nas quatro primeiras operações e as regras de transformações que abrangem as outras cinco operações. Além disso, apresenta as operações especiais que tratam dos turnos para retextualização de conversações.

Nas operações de regularização e idealização ocorrem as ações de eliminação de: hesitação, como: “eh...”, “e...”, “de...”; marcadores conversacionais, como: “entendeu”, “viu”,

“né”; palavras que foram iniciadas, mas não concluídas; partes que foram transcritas e que são consideradas duvidosas; repetições; pronomes egóticos, como: “eu” e “nós” e reduplicações desnecessárias. Assim, também ocorre ações de inserção, como: a introdução de pontuação de acordo com a entonação da fala e a inserção de parágrafos. Todas essas ações ocorrem nas quatro primeiras operações que estão relacionadas a tarefa de idealização linguística.

Quanto às operações de transformação, essas correspondem às outras operações apresentadas no Diagrama 2, que estão relacionadas às atividades de substituição e reorganização de natureza pragmática e morfossintáticas, como exemplo: envolverá ações de concordância e regência, pois a modalidade escrita exige a padronização linguística. Dessa forma, os enunciados podem ser eliminados, completados ou reconstruídos. Portanto, essas últimas operações dizem respeito à tarefa de regularização linguística.

No caso de retextualização de conversação, são propostas operações especiais que correspondem o tratamento dos turnos para formas dialogadas ou monologadas. Nesse processo, ocorrem variadas modificações, como: manutenção dos turnos, transformação dos turnos em citação de fala, transformação dos turnos em citação de conteúdo, na qual são aplicadas as operações apresentadas no diagrama.

Em síntese, o Diagrama 2 apresenta várias operações ocorridas na passagem da fala para a escrita, sendo que para uma boa retextualização não é necessário seguir todas as operações sugeridas e as ordens propostas, isso dependerá de quem irá retextualizar, que verá o que é necessário e suficiente para o processo de retextualização.

Além das operações postas neste Diagrama 2, há outro aspecto importante que não foi apresentado e que deve ser considerado durante o processo de retextualização. Este diz respeito ao aspecto cognitivo, como mencionado anteriormente, a atividade de compreensão textual está interligada a todas as operações, sendo o ponto de partida do processo de retextualização para que não haja interferências no tema abordado.

Diante da discussão, é evidente ressaltar a sua importância no ensino de língua portuguesa, em se tratando das atividades que envolvem os gêneros textuais e as habilidades de leitura e escrita. Em vista disso, esse processo permite que os alunos observem a diferença entre a oralidade e a escrita, para que haja uma compreensão entre essas modalidades, evitando tratá-las como relações de superioridade.

Como foi visto, durante a passagem da fala para a escrita, são realizadas várias operações que são importantes não apenas para o desenvolvimento da escrita, mas também da leitura, pois, além do aluno realizar a produção escrita, também executa a atividade de

compreensão textual, sendo essa uma tarefa indispensável durante esse processo para que se mantenha situado na temática.

Por conseguinte, incluir no ensino de LP, atividades de retextualização facilitará ao aluno o conhecimento/reconhecimento dos gêneros textuais presentes na sociedade, além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Dessa maneira, envolverá em sala de aula propostas pedagógicas focalizadas no trabalho com o texto e atividades que são comuns na rotina dos alunos. Para tanto, a abrangência dessa perspectiva de ensino, propiciará a ocorrência de aulas interativas e atrativas, em que proporciona ao discente o desenvolvimento de competências linguísticas orais e escritas, assim como contribui para o seu desenvolvimento social e cognitivo, para que possa tornar cidadão autônomo capaz de lidar em diferentes situações, principalmente, as rotineiras.

### 3 OS GÊNEROS TEXTUAIS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Este capítulo apresenta uma discussão sobre os gêneros textuais orais e escritos, considerando-os como ferramenta de ensino para o desenvolvimento da competência de compreensão e produção textual. E tem como objetivo destacar a sua importância na construção de textos vários, que estão presentes no dia a dia das práticas sociais dos alunos. Para isso, o capítulo envolve uma abordagem conceitual sobre os gêneros textuais canção e crônica, que por sua vez serão trabalhados no quarto capítulo, ao desenvolver o processo de retextualização.

#### 3.1 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Os gêneros textuais estão presentes no dia a dia das pessoas, em diferentes situações comunicativas em que fazem o uso da linguagem, pois toda interação ocorre através de gêneros. Dessa forma, eles se encontram inseridos nas práticas sociais e estão diretamente ligados à vida das pessoas em seu contexto sociocultural. Assim, Marcuschi (2010, p.19) postula que

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Frutos de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.

Diariamente, as pessoas fazem o uso de gêneros orais ou escritos para se comunicarem uns com os outros, e os utilizam de acordo com suas necessidades e objetivos sociocomunicativos. Diante disso, surge uma variedade de gêneros textuais que vão se adaptando às diferentes situações comunicativas e também às inovações tecnológicas, como: internet, celular, televisão, etc., por isso se caracterizam como: “[...] eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2010, p. 19).

Nessa perspectiva, os gêneros textuais possuem propriedades sociocomunicativas, pois são caracterizados por suas funções comunicativas e cognitivas, como também possuem características estruturais: temática, estilo e forma composicional. Tendo em vista que, para escolher o gênero específico para uma determinada interação social, essa escolha se dá, basicamente, pela sua funcionalidade e não pela sua forma composicional.

Nesse aspecto, levando em consideração a função comunicativa, esse é um critério importante para o tratamento dos gêneros, para que, durante a comunicação, os interlocutores

consigam atingir seus objetivos específicos e definam o gênero adequado a ser utilizado em determinada esfera de ação social. Para isso é importante levar em consideração a sua funcionalidade, haja vista que “[...] os gêneros são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e na natureza do tópico tratado, sendo assim uma questão de uso e não de forma” (Douglas Biber, 1988, *apud* Marcuschi, 2010, p. 36). Desta forma, é necessário que o interlocutor conheça a funcionalidade dos gêneros, para poder saber definir qual utilizar com eficácia em suas práticas da linguagem.

Tendo em vista que não há formas prontas e acabadas para os gêneros, eles são construídos dentro das práticas sociocomunicativas, portanto, são ações sociais que atendem às necessidades de uma comunidade discursiva, adequando a seu contexto social e cultural.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 34):

[...] todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento do gênero textual é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos.

Portanto, todas as atividades linguísticas ocorrem através de gêneros textuais orais ou escritos, que por sua vez circulam nas esferas escolares, mas, principalmente, no ambiente social em que vivem os discentes. Dessa maneira, é relevante o envolvimento desses gêneros no desenvolvimento da linguagem, ao trabalhar as habilidades de leitura, compreensão e produção textual.

### 3.2 GÊNERO TEXTUAL: CANÇÃO

O gênero textual canção está presente na vida das pessoas, no seu dia a dia e se encontra em diferentes esferas sociais: políticas, religiosas, cotidianas, artísticas, entre outras. Este gênero traz diversas influências históricas-culturais para a sociedade, em que prendem a atenção das pessoas, cativando-os, atraindo-os diante das diversas linguagens expressas.

A canção incentiva as pessoas a construir suas personalidades, em que muitos se identificam com a letra da canção, fazendo com que mobilize seus sentimentos, emoções e prazeres. Dessa forma, através da canção é possível abrir novos olhares para a realidade atual, tendo a possibilidade de criar uma visão crítica e reflexiva diante do mundo ao seu redor, uma

vez que a canção expressa fatos comuns presentes na sociedade. Conforme Costa (2010, p. 118, grifo do autor)

*a canção é um gênero híbrido, de caráter **intersemiótico**, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia). Defendemos que tais dimensões têm de ser pensadas juntas, sob pena de confundir a canção com outro gênero [...]. Assim, a canção exige uma tripla competência: a verbal, a musical e a lítero-musical, sendo esta última a capacidade de articular as duas linguagens.*

Diante disso, para o autor, o gênero canção se aproxima de outro gênero, que é a poesia, por isso a mesclagem de linguagens são complementos, pois se considerar na canção apenas a sua letra poderá confundir com a poesia, tendo em vista que a canção apresenta rima, métrica, figuras de linguagens, entre outras características que são comuns na poesia. Nesse viés, levando em consideração na canção apenas a linguagem verbal poderá comprometer no objetivo comunicativo do autor e também na compreensão do texto. Portanto, ambas as linguagens concretizam o sentido veiculado no texto.

Nessa perspectiva, a canção pode ser interpretada de diversos modos, pois cada falante possui suas particularidades. Dessa forma, de acordo com a situação comunicativa, pode apresentar sentidos diferentes ao serem pronunciadas em entonações diversas, uma vez que durante a comunicação cada pessoa utiliza seu jeito próprio de falar. Por isto a importância de ambas as linguagens estarem em harmonia, levando em consideração que cada palavra pronunciada é carregada de significados.

Nesse sentido, de acordo com Costa (2010), a canção possui padrões entonacionais e rítmicos altamente flexíveis, pois conforme cada subgênero, como: rap, sertanejo, forró, pop, entre outros, possuem suas entonações e ritmos próprios que são definidos pela linguagem musical.

Por fim, através do gênero textual canção, é possível conhecer/reconhecer diferentes contextos culturais, dado que esse é um gênero que mais circula no cotidiano das pessoas, principalmente dos adolescentes. Assim, envolver esse gênero em sala de aula, tornará as práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem incentivadoras e atraentes, em que despertará nos alunos o prazer em busca de conhecimentos, sendo que, por intermédio da canção pode ser explorado diversos recursos: linguísticos, sociais, históricos, entre outros.

### 3.3 GÊNERO TEXTUAL: CRÔNICA

A palavra crônica originou-se do termo grego *chrónos* que significa tempo. Dessa maneira, a crônica é caracterizada como uma narrativa que relata acontecimentos históricos, situações do cotidiano de um determinado povo, na qual esses fatos são descritos seguindo uma ordem cronológica.

De acordo com Sá (2005), a primeira crônica a ser produzida no Brasil foi a carta de Pero Vaz de Caminha, destinada ao Rei Dom Manuel, em que descrevia acontecimentos históricos da época, nesta carta “ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva” (p. 5).

Com o passar do tempo, a crônica foi ganhando espaço e passou a ser utilizada com o intuito de narrar situações do dia a dia, registros circunstâncias, tendo como principal veículo, o jornal, uma vez que a crônica move entre duas áreas: o jornalismo e a literatura.

A crônica era encontrada em um espaço no jornal, chamado *folhetim*, em que era uma parte informativa, ou seja, um rodapé que retratava assuntos do dia ou da semana, em que tinha como principal objetivo informar o leitor. Com o decorrer do tempo, com a evolução das cidades, o *folhetim* foi abrindo mais espaço nos jornais, passando a ter uma nova estrutura, passando a retratar não apenas fatos informativos, mas também um toque de subjetividade e humor aos acontecimentos diários, apresentando uma linguagem simples, com o intuito de entreter o leitor. Com isso, a crônica passou a ter as mesmas características do *folhetim*.

Atualmente, a crônica é caracterizada pela linguagem simples, informal, na qual o coloquialismo utilizado pelo cronista faz com que se aproxime do leitor, ou seja, a maneira do autor desenrolar os fatos é como estivesse em uma conversa, fazendo um diálogo com o leitor. Dessa forma, por a crônica apresentar uma linguagem mais natural e por retratar temas do cotidiano, há uma aproximação com a oralidade.

Como já ressaltado, a principal temática da crônica é abordar assuntos do cotidiano da vida das pessoas, assim os cronistas fazem de um pequeno acontecimento do dia a dia algo bem significativo, leve, descontraído, em que utiliza o seu lado criativo e artístico para desenvolver a temática, retratando como forma de diálogo, aplicando ao texto marcas de subjetividade. Enfim, o autor tem a liberdade de desenvolver o seu tema. Conforme ressalta Sá (2005, p. 9, grifo do autor)

[...] o *cronista* age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional (como acontece nos contos, novelas e romances). Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem.

Dessa maneira, a crônica, diferentemente de outras narrativas, é um texto curto e pelo fato de ser breve também apresenta uma quantidade limitada de personagens, o tempo e o espaço também são reduzidos, o narrador é o próprio autor, em que pode narrar os fatos em primeira pessoa (narrador-personagem) ou em terceira pessoa (narrador-observador). Quanto aos fatos narrados, esses são baseados em acontecimentos reais, que têm o objetivo de divertir ou trazer uma reflexão ao leitor, enfim, o intuito da crônica é o entretenimento do leitor.

Nesse viés, para o autor, a crônica por apresentar como principal suporte, o jornal, é produzida de forma rápida, assim como a sua duração também é limitada, por isso, é caracterizada como texto curto, e apresenta uma linguagem informal, em que seu principal público são leitores apressados, que fazem a leitura em um curto intervalo de tempo.

Na visão de Candido (2003), a crônica é caracterizada pela sua simplicidade, brevidade e naturalidade ao retratar temáticas comuns do dia a dia baseadas em fatos reais, de modo que há uma aproximação com o leitor, em que retrata coisas sérias de maneira criativa e divertida como forma de diálogo, pois, seu objetivo é provocar humor, ironia e reflexão. São exemplos de cronistas destacados por Candido (2003): Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, entre outros.

Por conseguinte, em consonância com o ensino, abranger em sala de aula o trabalho com o gênero textual crônica incluirá os alunos em ações de uso da linguagem no contexto sócio-histórico-cultural. Dessa forma, envolverá os estudantes em temáticas cotidianas, levando-os a desenvolver não apenas competências e habilidades de leitura e escrita, mas também possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo e o conhecimento, trazendo assim textos significativos para o aluno.

#### **4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ORAL CANÇÃO PARA O GÊNERO ESCRITO CRÔNICA - 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Este capítulo apresenta uma proposta de intervenção destinada a professores de LP, em que consiste numa sequência de atividades sobre o processo de retextualização, da oralidade para a escrita, na perspectiva de Marcuschi (2010): do gênero canção para o gênero crônica, a ser aplicado em turmas do 9º ano do ensino fundamental II. Esta proposta de intervenção pedagógica tem como objetivo trabalhar com gêneros orais e escritos a partir do processo de retextualização nas atividades de leitura e escrita nas aulas de LP.

Esta sequência de atividades contribui para a realização de práticas pedagógicas inovadoras para professores de LP, especificamente de turmas do 9º ano do nível fundamental, ao viabilizar aulas participativas e prazerosas. Dessa maneira, esta proposta de ensino envolve o uso da linguagem em seus diferentes contextos sócio-histórico-cultural, em que propicia ao aluno o desenvolvimento de competências e habilidades de produção e compreensão textual, o conhecimento/reconhecimento de gêneros orais e escritos, o domínio da linguagem quanto aos seus usos nas diversas práticas sociocomunicativas e, por fim, possibilita a formação de indivíduos autônomos, críticos e reflexivos.

##### **SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES:**

**Proposta de retextualização da oralidade para a escrita: do gênero canção  
para o gênero crônica**

##### **Conteúdo:**

- Processo de retextualização da oralidade para a escrita.

##### **Objetivo geral:**

- Desenvolver práticas de leitura e escrita a partir do processo de retextualização.

### **Objetivos específicos:**

- Destacar a composição e características dos gêneros canção e crônica;
- Compreender o processo de retextualização;
- Desenvolver a retextualização do gênero canção para a crônica.

### **Eixos norteadores:**

- Gêneros textuais: canção e crônica;
- Leitura e compreensão textual;
- Processo de retextualização.

### **Recursos didáticos:**

- Caixa de som;
- Folhas A4;
- Textos impressos;
- Materiais para construção do mural (cartolina, lápis permanente, cola branca ou fita adesiva).

### **Tempo estimado:**

- Oito (08) horas-aulas de quarenta e cinco minutos (45 min).

## **INTRODUÇÃO**

O processo de ensino-aprendizagem envolve diversas práticas pedagógicas que contribuem para o dinamismo em sala de aula. Nas aulas de Língua Portuguesa, a exemplo, podem-se inserir atividades e ações que auxiliam no processo de aprendizagem dos alunos. Daí a importância da seleção de materiais e metodologias para serem levadas à sala de aula.

Assim, a escolha da sequência de atividades como proposta de intervenção pedagógica é o meio viável para a concretização da aprendizagem dos alunos, pois, viabiliza o desenvolvimento e planejamento de atividades dinâmicas para serem executadas em sala de aula, focando nas dificuldades dos discentes e no desenvolvimento de habilidades orais e escritas quanto aos seus usos em diversas situações de comunicação.

Dessa maneira, a inserção dos gêneros textuais é um dos principais aliados nas rotinas pedagógicas, pois a sua caracterização colabora para que os alunos compreendam que as atividades realizadas em sala de aula mantêm relação com o meio social, e o ensino dos gêneros

permitem essa relação. Nesta perspectiva, esta sequência focará o processo de retextualização da oralidade para a escrita.

Portanto, a partir do processo de retextualização o aluno desenvolve suas habilidades e competências de leitura, compreensão e escrita de textos, desenvolvendo assim, o domínio de suas funcionalidades e usos nas práticas sociocomunicativas.

### Primeira etapa: (2h/a – 45´)

- **APRESENTAÇÃO DA COMPOSIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS GÊNEROS: CANÇÃO E CRÔNICA.**

### GÊNERO TEXTUAL: CANÇÃO<sup>1</sup>

|  |   |   |
|--|---|---|
| <p><b>ERA UMA VEZ</b><br/>Kell Smith</p> <p>Era uma vez,<br/>O dia em que todo dia era bom<br/>Delicioso gosto e o bom gosto<br/>Das nuvens serem feitas de algodão<br/>Dava pra ser herói<br/>No mesmo dia em que escolhia ser vilão<br/>E acabava tudo em lanche, um banho quente<br/>E talvez um arranhão</p> <p>Dava pra ver<br/>A ingenuidade e a inocência cantando no tom<br/>Milhões de mundos e universos tão reais<br/>Quanto à nossa imaginação<br/>Bastava um colo, um carinho</p> | <p>E o remédio era beijo e proteção<br/>Tudo voltava a ser novo no outro dia<br/>Sem muita preocupação</p> <p>É que a gente quer crescer<br/>E quando cresce, quer voltar do início<br/>Porque um joelho ralado<br/>Dói bem menos que um coração partido</p> <p>É que a gente quer crescer<br/>E quando cresce quer voltar do início<br/>Porque um joelho ralado<br/>Dói bem menos que um coração partido</p> <p>Dá pra viver<br/>Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau</p> | <p>É só não permitir que a maldade do mundo<br/>Te pareça normal<br/>Pra não perder a magia de acreditar<br/>Na felicidade real<br/>E entender que ela mora no caminho<br/>E não no final</p> <p>É que a gente quer crescer<br/>E quando cresce quer voltar do início<br/>Porque um joelho ralado<br/>Dói bem menos que um coração partido</p> <p>É que a gente quer crescer<br/>E quando cresce quer voltar do início<br/>Porque um joelho ralado<br/>Dói bem menos que um coração partido</p> <p>Era uma vez...</p> |
|--|---|---|

Nesse momento, o professor deve ouvir a canção com os alunos e discutir com eles sobre a temática que a canção traz, a partir dos seguintes questionamentos:

- Que sentimento retrata o texto?
- Quais foram os motivos que ocasionaram esse sentimento?

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/kell-smith/era-uma-vez.html>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

- Quais momentos a autora trata na canção?
- Desses momentos, qual você mais se identifica e por que?

Em seguida, discutem sobre as características que compõem este gênero, partindo da afirmação de que o gênero canção é considerado híbrido por envolver diferentes linguagens como a verbal e a musical e está presente nos mais diversos ambientes sociais, como classe baixas, médias e altas. Através deste gênero expressa-se sentimentos, emoções e prazeres, que por sua vez trazem conforto, reflexão e diversão para aqueles que a escutam.

São características próprias deste gênero, a rima, a métrica e as figuras de linguagem que são identificadas na letra da canção, enquanto que a melodia se refere à linguagem musical. Vale destacar que a letra da canção deve ser considerada juntamente ao som, para não se confundir com outro gênero, como é o caso da poesia.

Em seguida, o professor distribuirá para os alunos o gênero crônica que será lido e debatido a sua temática a partir dos seguintes questionamentos:

- Como era a noite na visão do narrador, do taxista e de seu amigo?
- Por que os personagens tinham visões diferentes?
- Qual a relação do título “A outra noite” com o assunto do texto?

## GÊNERO TEXTUAL: CRÔNICA<sup>2</sup>

**A OUTRA NOITE**  
Rubem Braga

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

– O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlameçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

– Mas, que coisa. . .

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

– Ora, sim senhor. . .

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um “boa noite” e um “muito obrigado ao senhor” tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/cronica-outra-noite-rubem-braga-com.html>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Na sequência, discutem as características e a composição deste gênero, considerando que o gênero crônica é caracterizado como uma narrativa histórica, que aborda assuntos voltados para o cotidiano de forma leve e descontraído, e parte de algum acontecimento comum do dia a dia das pessoas, retratando-o de maneira humorística, crítica ou reflexiva.

Durante a sua produção, o escritor utiliza marcas de subjetividade, em que desenvolve o texto de forma bem próxima ao leitor, como se estivessem em diálogo, com uma linguagem natural, simples e informal. Além disso, por ser uma narrativa, é composta de personagens, tempo, espaço em que esses são limitados, já que se trata de um texto curto.

### **Segunda etapa: 2h/a - 45´**

- **EXPLICAÇÃO SOBRE O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO.**

Neste momento, o professor fala para os alunos a possibilidade da transformação de um texto em outro, em que a partir de uma canção, de um conto ou de uma notícia é possível transformá-los em outro gênero, como: em uma crônica, em uma carta, em um debate, entre outros textos.

Nessa oportunidade, o professor ressalta que essas atividades de transformação são chamadas de retextualização, que podem acontecer de uma modalidade (a fala) para outra modalidade (a escrita), como é o caso deste trabalho. Esse processo pode ocorrer também através, da escrita para a fala, da fala para a fala ou da escrita para a escrita (MARCUSCHI, 2010).

É importante destacar para os alunos que, o processo de retextualização é executado diariamente dentro e fora da escola, durante a comunicação, em que uma pessoa conta algo a outra, seja uma notícia que ouviu no jornal, uma informação recebida de um colega, uma crônica que foi lida, uma canção que ouviu, *etc.* Diante dessas ações, vale destacar a importância da compreensão da mensagem passada e, que por sua vez, não deve comprometer o sentido do texto original.

Em seguida, reforçando o que foi dito, o professor explicará o processo de retextualização, em que tem como ponto de partida o texto-base, que deve ser bem compreendido, para poder transformá-lo em outro texto. Essa atividade cognitiva é essencial para que não haja divergência do assunto, sendo um dos primeiros passos para que dê início ao processo de retextualização.

Dessa forma, o passo que segue é a execução da atividade de transcrição, levando em consideração que esse ainda não é um processo de retextualização, pois, nessa atividade irá transcrever o texto oral para o escrito sem haver interferências na linguagem e no conteúdo.

Após a transcrição, inicia-se de fato o processo de retextualização, que é constituído de várias operações, como: idealização e regularização linguística que ocorre a eliminação de repetições, hesitações, de palavras redundantes, as que foram iniciadas e não concluídas, reduplicações, etc. Além das eliminações, também acontece a inserção de pontuações e de parágrafos.

Outra operação é a transformação linguística, em que acontece a reestruturação do texto, como exemplo: aplicar ao texto as concordâncias verbais e nominais, a reconstrução ou eliminação de enunciados, entre outras ações que compõem a padronização linguística.

Como apoio para o professor, pode apresentar em sala de aula o diagrama de Marcuschi (2010) que está inserido no capítulo dois deste trabalho, como apoio para explorar o passo a passo da retextualização, para que facilite o entendimento dos alunos.

### **Terceira etapa: 4h/a - 45`**

#### **➤ EXECUÇÃO DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DA CANÇÃO PARA A CRÔNICA**

##### **● Primeiro momento:**

Este momento será destinado ao trabalho com o texto-base, em que o professor acolherá a turma com a canção “Asa Branca” de Luiz Gonzaga<sup>3</sup>, que se encontra exposta abaixo.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acesso 11 mar. 2022.

| ASA BRANCA  |  |   |
|---|--|---|
| Luiz Gonzaga  |  |   |
| Quando olhei a terra<br>ardendo<br>Qual fogueira de São<br>João<br>Eu perguntei a Deus do<br>céu, ai<br>Por que tamanha<br>judiação | Morreu de sede meu<br>alazão   | Hoje longe, muitas léguas<br>Numa triste solidão<br>Espero a chuva cair de<br>novo<br>Pra mim voltar pro meu<br>sertão                      |
| Eu perguntei a Deus do<br>céu, ai<br>Por que tamanha<br>judiação?   | Por farta d'água perdi<br>meu gado<br>Morreu de sede meu<br>alazão   | Espero a chuva cair de<br>novo<br>Pra mim voltar pro meu<br>sertão  |
| Que braseiro, que<br>fornalha<br>Nem um pé de plantação<br>Por falta d'água perdi<br>meu gado                                       | Inté mesmo a asa branca<br>Bateu asas do sertão<br>Entonce eu disse, adeus<br>Rosinha<br>Guarda contigo meu<br>coração | Quando o verde dos teus<br>olhos<br>Se espalhar na plantação<br>Eu te asseguro não chore<br>não, viu<br>Que eu voltarei, viu<br>Meu coração |
|   | Entonce eu disse, adeus<br>Rosinha<br>Guarda contigo meu<br>coração  | Eu te asseguro não chore<br>não, viu<br>Que eu voltarei, viu<br>Meu coração   |

Durante o início da aula, o professor pede aos alunos que ouçam a canção três vezes. Depois do momento de escuta, será realizado uma discussão sobre o que foi ouvido (a canção) em que discutirão a sua temática a partir das seguintes perguntas:

- Que tipo de linguagem o autor utiliza no texto?
- De acordo com o texto, o sertanejo enfrenta várias dificuldades. Explique quais são essas dificuldades e o motivo.
- Qual foi a decisão que ele tomou ao passar por tantos sofrimentos?
- A lembrança da sua terra natal está presente no seu pensamento? Explique por quê.
- Qual a esperança que o sertanejo tem?

Depois desse momento, para facilitar a produção da retextualização, o professor distribuirá folhas A4 e solicitará aos alunos que escrevam o tema da canção “Asa Branca” e digam o que entenderam da mensagem.

- **Segundo momento:**

Este momento, será dedicado a produção textual, em que os alunos irão efetuar a atividade de retextualização. Dessa maneira, o professor explicará de forma clara, a proposta de retextualização, em que eles irão produzir uma crônica a partir da canção, “Asa Branca” de Luiz Gonzaga.

Para dar início ao trabalho, o professor reproduzirá novamente a canção dando pausas para que os alunos façam a sua transcrição do texto. Em seguida, este texto será reescrito fazendo as seguintes observações: retirada de palavras repetidas, palavras com mesmo sentido, o uso dos pronomes, incluir pontuação, uso de parágrafos, entre outros.

A partir desse momento se dará início à escrita da crônica, que será o gênero já retextualizado, tendo presente que esse texto apresenta características diferentes, como: personagens, espaço onde acontecem os fatos, tipo de linguagem, tempo e que parta de um fato cotidiano.

Na escrita do texto, os alunos aproveitarão o que eles produziram na atividade passada. Para isso eles devem criar uma situação diferente da canção escutada, trazendo mais informações, de acordo com suas experiências; o que não pode é fugir do sentido do texto original.

Ao concluírem a produção, o professor, recolherá os textos para realizar a leitura e correção, observando o desempenho dos alunos quanto a escrita e a compreensão textual.

- **Terceiro momento:**

O professor devolverá os textos aos alunos e sugerirá que façam as correções que forem necessárias, apontando as possíveis alterações para a reestruturação.

Por fim, ao concluírem suas produções, o professor exibirá as produções escritas em mural na sala de aula, para que todos possam fazer a leitura das produções dos colegas. Esse mural será produzido junto com os alunos, em que o professor levará cartolina e lápis permanente para que eles anexem suas produções e deem um título ao mural.

Em seguida, os discentes irão contemplar as produções dos colegas e apreciar a imaginação e criatividade. O professor poderá deixar a canção “Asa branca” como fundo musical, para que este momento seja a culminância de uma trajetória de atividades voltadas para a retextualização.

## **AVALIAÇÃO**

A avaliação da aprendizagem será de forma contínua, o professor analisará e avaliará todas as participações e contribuições dos alunos durante as atividades desenvolvidas, como: atividades de leitura, compreensão, produção textual, interação, entre outras.

Portanto, diante deste conjunto de atividades, espera-se que oportunize aos estudantes a interagirem, a realizar a partilha de conhecimentos e que despertem o interesse de buscar

sempre desenvolver sua aprendizagem, e que, a partir desta sucessão de atividades didático-pedagógicas, possam ampliar suas habilidades e competências linguísticas orais e escritas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho mostra que o processo de retextualização é essencial para realização de uma perspectiva de ensino motivadora e significativa para os alunos, uma vez que abrange várias atividades, como: práticas de leitura e escrita, reconhecimento/conhecimentos das características composicionais de gêneros orais e escritos e suas funcionalidades comunicativas, que podem ser ampliadas em sala de aula e desenvolvidas de forma lúdica, isto é, de modo que chame a atenção dos alunos, fazendo com que haja a participação e o interesse em realizar as atividades propostas.

Dessa maneira, a atividade de retextualização é crucial na vida dos estudantes, pois, é possível ampliar suas habilidades linguísticas orais e escritas e formar leitores e escritores competentes. Essas habilidades e competências são necessárias não apenas para o contexto escolar, mas, principalmente, para as práticas sociocomunicativas do aluno. Por isso, a importância dos gêneros textuais orais e escritos por serem enunciados que estão presentes diariamente na vida dos discentes.

Como resultado da pesquisa, foi proposto uma intervenção pedagógica, composta de uma sequência de atividades sobre o processo de retextualização, da oralidade para a escrita, na qual abrange o trabalho com o gênero canção e o gênero crônica, desenvolvida para ser apresentada a professores de turmas do 9º ano do nível fundamental II.

Nessa perspectiva, este trabalho atingiu o seu objetivo, ao mostrar a relevância de trabalhar com gêneros textuais a partir do processo de retextualização como foco para o desenvolvimento do ensino-aprendizado dos alunos, direcionadas a ampliação da leitura e da escrita e, portanto, de práticas da linguagem.

Através dessa pesquisa, espera-se contribuir com o aprimoramento de práticas educacionais da docência de professores de LP ao apresentar uma ferramenta pedagógica atraente, incentivadora, e, por sua vez significativa para o aluno, por considerar seus conhecimentos prévios. Espera-se que esta pesquisa não se acabe por aqui, que seja um ponto de partida para novas investigações e ampliações da temática discutida, tendo em vista que o conhecimento é um processo contínuo, ilimitado, que se desenvolve a cada dia.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades. *In: Análise de Textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. *In: Para gostar de ler: crônicas*. v. 5. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Nelson Barros. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. *In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto e textualidade. *In: Redação e Textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cleber de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SÁ, Jorge de. Uma definição. *In: A crônica*. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Editora Ática, 2005.